PRECISAMOS DAR CONTA E ESTAR SEMPRE PRONTA

Ana Paula da Cruz Santos

cadernos SELVAGEM

Precisamos dar conta e estar sempre pronta

Ana Paula da Cruz Santos

Este caderno foi elaborado a partir da fala de Ana Paula da Cruz Santos, gravada no dia 06 de fevereiro de 2025, em Santa Teresa, no Rio de Janeiro. A fala de Ana se transformou no Recado Selvagem 4 e pode ser acessada aqui.

Quando eu era pequenina e os meus pés mal davam seus passos sozinhos, minha mãe, Rosângela, filha de Guaraciaba e Maura, saía lá do Morro do Puri, na Baixada Fluminense. O morro, que abrigou a ela e aos seus irmãos, que vinham fugidos do Morro da Providência. Mas essa é a outra história. Eu quero falar do esforço da minha mãe de me levar até o mar, para que, ali, ela pudesse me entregar a Iemanjá e que, junto a Oxum, pudesse me dar toda a força para eu seguir na caminhada.

Naquele momento e depois, durante muito tempo, aquilo não fazia sentido. Só depois, quando eu conheço o racismo, o machismo, a intolerância, o patriarcado, eu começo a entender a força do pedido da minha mãe. Pois é. A vida para nós, mulheres pretas, indígenas, caiçaras, mãe solo, favelada, não tem nada de fácil. São todos esses inimigos querendo nos derrubar. Mas é também na força dessas mulheres, dessas mulheres pretas, das minhas bisas, das minhas vós, das mestras, madrinhas, rainhas, que eu abro essa conversa pedindo licença a vocês.

Minha primeira casa era a barriga da minha mãe, onde tinha muita água. Essa lembrança eu não tenho, mas eu sei que foi um lugar que me acolheu tanto, porque como eu amo essa mulher. E como foi difícil para ela me dar uma casa. A casa, que era uma única, onde dividia todo mundo naquele quintal e naquele espaço de chão de barro. E que, com o tempo, muita gente falava que era tão sujo, que só vivia com folha, e que o seu pé sempre saía com barro na sola. Uma casa onde as lembranças eram passeando pelas bananeiras e sentindo aquele vento. Ali era um espaço de muita proteção.

E os quintais… Toda casa periférica precisava de um quintal. Eu não consigo nem imaginar o que seria viver sem um quintal. São tantas lembranças desse quintal: as galinhas, a manga que caía e que a gente corria para pegar, o jogo de búzios da minha tia Ilza. E, ao mesmo tempo, o óleo ungido de minha avó. A fofoca, mas também o acolhimento. A casa era uma casa grande, mas o quintal era que nos abraçava. E esse quintal tinha plantas, plantas que a gente passava e mascava, cana do brejo, boldo. Ah, como era bom tomar o chá de boldo. Era uma folhinha para um litro de água, o chá da alegria. E toda semana era um chá diferente, porque minha avózinha dizia: "Se toma a mesma erva mais de uma semana, ela já não faz mais efeito." E a casa toda tinha que tomar aquele chá. Cana do brejo, boldo, arnica. Tinha uns mais docinhos de erva cidreira, de erva doce. E tinha uma infusão, uma mistura que ela fazia, que ela dizia: "É bom para as meninas e para os meninos também." Quando ela não colocava um alho na boca, porque ela dizia que a gente estava precisando de antibiótico? Sinto falta desse quintal.

Na imagem, Maria do Carmo da Silva

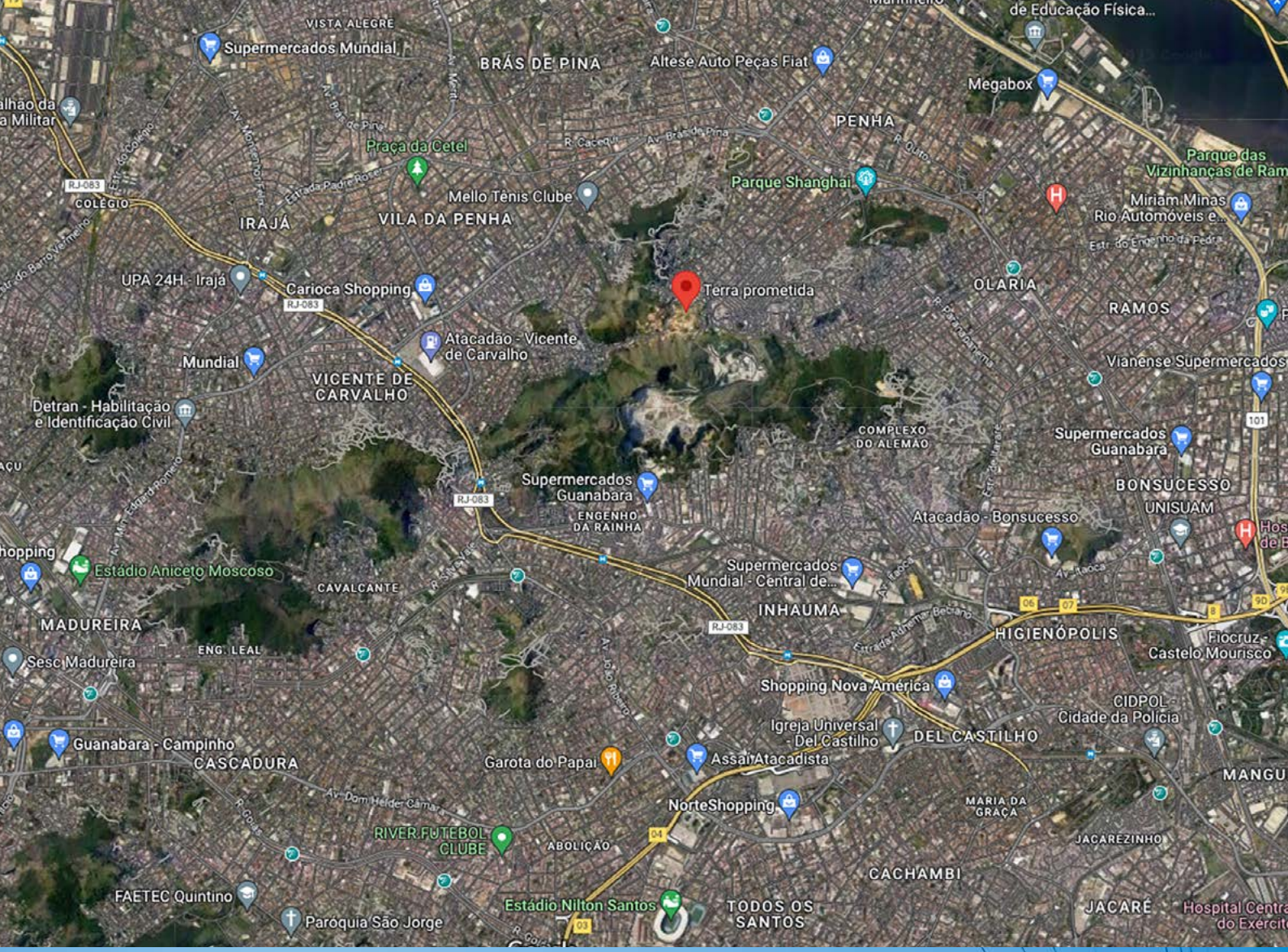
E essa falta me fez chegar na Serra da Misericórdia. A gente precisava acreditar que o verde continuava enquanto valor nas nossas vidas. E chegar na Serra foi muito difícil, porque era um verde que as pessoas não entendiam mais que era verde. Ninguém aqui é do Greenpeace. Como é que a gente faz para cuidar de tanto verde? Se é o verde onde tem a violência, se é o verde onde as pessoas reclamam do mosquito. Mas é o verde da soberania alimentar. Era o verde do ar mais fresco. Era o verde… Aliás, é o verde da esperança. É o verde do esperançar.

E, na pandemia, muito curioso, quem tinha esses apartamentos ficou trancado. Quem não tinha outros lugares verdes, ficou isolado. E a gente, do nosso quilombo favela, dentro daquele matão verde, onde as casas ainda são barracos, de madeira, onde ainda existem espaços coletivos, nasce a Casa de Apoio. Eu lembro quando eu contei para Veronica que a Casa de Apoio era o meio do caminho. O CEM, Centro de Integração da Serra da Misericórdia, estava lá no alto. As pernas cansadas, o peso já não me fazia subir tanto. E a Casa de Apoio era extremamente estratégica, porque se subia o morro, se descia o morro, precisava passar. E Leoildes, uma indígena moradora da favela, maranhense, falava: "Ana, por que o nome daqui é Casa de Apoio? Porque nos apoia."

Casa de Apoio

E assim nasce esse espaço. Um espaço que, quando você vem com aquela soleira, você para pra beber uma água. Um espaço também que foi estratégico para a médica. A gente trouxe a saúde para aquele lugar, na nossa casa. Onde colhia o preventivo? No quarto da vizinha. Onde a gente cozinhava juntas e, outro dia, era fazer sabão, e, outro dia, era simplesmente escutar umas às outras. E, ao mesmo tempo, essa casa a gente pensava em como que poderia ser mais acolhedora. Então, vamos começar a plantar. "Mas já tem tanto verde!" É, mas a gente precisa plantar milho para colher no São João. A gente precisa plantar macaxeira e a gente precisa multiplicar as ervas medicinais da Serra da Misericórdia.

Não sei se vocês sabem: a Serra da Misericórdia é o último suspiro de Mata Atlântica da nossa região. Ela está no Morro da Penha, do Alemão e do Juramento. Mas, como está no morro, não tem valor, né? Tem valor para nós. Tem ervas medicinais, tem animais, tem produção de galinhas. São 30 ovos por dia no meu quintal. E aquela conexão de alimentar as galinhas, os peixes, o coelho, o pato. De a vizinha gritar: "Ana, meu cachorro fugiu, está aí?" E eu me lembro que tinha uma visita que se surpreendeu: "Mas as pessoas gritam aqui?" Sim, porque estamos todos em casa. E somos todos parte de um todo.


VISTA ALEGRE
Supermercados Mundial
BRÁS DE PINA
Altese Auto Peças Fiat
Megabox
de Educação Física...
PENHA
Praça da Cetel
Parque Shanghai
Parque das Vizinhanças de Râm
Mello Tênis Clube
IRAJÁ
VILA DA PENHA
Miriam Minas
Rio Automóveis e...
UPA 24H - Irajá
Carioca Shopping
Terra prometida
OLARIA
RAMOS
Atacadão - Vicente de Carvalho
Mundial
VICENTE DE CARVALHO
Vianense Supermercados
Detran - Habilitação e Identificação Civil
COMPLEXO DO ALEMÃO
Supermercados Guanabara
BONSUCESSO
UNISUAM
Supermercados Guanabara
ENGENHO DA RAINHA
Atacadão - Bonsucesso
Estádio Aniceto Moscoso
CAVALCANTE
Supermercados Mundial - Central de...
INHAUMA
MADUREIRA
HIGIENÓPOLIS
Fiocruz - Castelo Mourisco
ENG. LEAL
Sesc Madureira
Shopping Nova América
CIDPOL - Cidade da Polícia
Igreja Universal - Del Castilho
DEL CASTILHO
Guanabara - Campinho
CASCADURA
Garota do Papai
Assaí Atacadista
MANGU
NorteShopping
MARIA DA GRAÇA
RIVER FUTEBOL CLUBE
ABOLIÇÃO
JACAREZINHO
CACHAMBI
FAETEC Quintino
Estádio Nilton Santos
TODOS OS SANTOS
JACARÉ
Hospital Central do Exercito
Paróquia São Jorge

Ana Santos na Terra Prometida, na Serra da Misericórdia

E essa conversa que o vizinho falava lá embaixo e que não era para ninguém ouvir, estava todo mundo ouvindo. Briga de marido e mulher também, porque a gente mete a colher. E eu não consigo pensar diferente. Esse quilombo Serra da Misericórdia, essa favela que muita gente só vai enxergar pela violência, mas que eu consigo enxergar o cuidado, o amparo que faz a gente continuar sonhando.

Quando o fuzil vem e o barulho é forte, como é que faz se as casas estão todas no caminho? A gente escolhe uma casa e fica todo mundo junto. A Scarlet, ela é mãe do Noãh e da Heloísa. É uma mãe solo, preta, como na favela são muitas mulheres. E todo mundo vai para casa dela. E todo mundo se acolhe, faz café, faz chá, as crianças brincam. Naquele momento, se esquece que está tendo operação. Até que é decidido: "É, vamos fazer uma compra de um café, de uma coisa, porque a Scarlet precisa estar abastecida para quando a gente precisar estar lá. Mas a gente também se reúne para tomar cerveja quando não tem operação. A gente sempre está na casa de alguém.

Anne mostra o mapa bordado da Terra Prometida para Miguel

E aí, como esse espaço é tão acolhedor, a gente monta uma cozinha solidária. E essa cozinha é o quê? É uma casa. Ela tem varanda, ela tem banheiro. E o quarto virou o espaço do forno. A cozinha já era cozinha. A sala virou um grande espaço de cuidado. E ali, a gente faz escalda pé, rala a araruta que a gente conseguiu plantar e colher com muita fartura. Mas também conversa, porque é tão difícil conversar, é tão difícil ser ouvido. Tem gente que diz que tem que falar com o marido pelo celular. E as que não têm marido, dizem: "Graças a Deus

Maria do Carmo da Silva no seu quintal

que eu tenho vocês." Mas o papo não é sobre os homens. É sobre nós, mulheres, sobre como a gente se reinventa nos nossos espaços. Sobre como espaços que, para muitos, são sem saneamento, com pouca água, com escassez, a gente transforma em fartura e em beleza. E essa é uma memória que vai lá de criança.

Vó Idê chegava e falava: "Quem vai colher a banana comigo?" Banana verde, eu não sei o que eu gostava mais. Banana verde era uma massa, era incrível. E esse bananal só era possível, porque a minha avó lutou por essa casa. E era uma única casa. E aí, eu contando isso para a Rose, ela me disse: "Só foi possível fazer minha casa porque a gente montou um barraco da minha mãe, Lourdes." Dona Lourdes dos Santos Trovão, maranhense também, porque tem tanto maranhense, porque eles vão se juntando. É muito bonito essa relação nossa com os nordestinos, com o povo do Nordeste. Porque já chega plantando, já chega juntando, já chega fazendo fogão a lenha. Cada invenção e cada aprendizado. E assim vai, a Terra Prometida vai crescendo. O meu barraco, que eu consigo construir com o tijolo, eu passo para você até você conseguir construir

Vemos aqui Gabriele, Anne e Rosangela Maria

o seu. E naquele único barraco já passaram umas sete famílias. Porque é o cuidado de quem chega e que precisa desse acolhimento.

É o cuidado de quem precisa plantar para poder comer verduras, frutas e legumes. Porque está caro, está cheio de veneno. E está lá embaixo na pista, porque a gente está aqui no alto do morro. E muita gente fala: "Mas vocês estão vendendo?" Não, rapaz. Isso é uma economia invisível, o dinheiro que não entra, mas que também não sai. São as trocas que a gente faz aqui dentro. Eu tenho leite e eu troco pelo ovo. E isso não é nenhuma invenção, não. Mas é uma forma de a gente se reapropriar da vida e de repensar outras formas de bem viver, outras formas de se aglutinar.

E aí, como não lembrar da escola? Era o maior tempo que eu passava. Ali também era a minha casa. A merendeira, ai como eu gostava. Dona Joana, tinha Iara, tinha o porteiro, o zelador. E aquele espaço, a escola, mesmo com os muros altos, que não fazia a gente enxergar o que estava do lado de fora. Ao mesmo tempo que eu não reconhecia como casa, porque minha casa era toda aberta, porque o chão de terra estava ali, porque o plantio era muito próximo. E, nessa época, eu nem sabia

o que era agricultura urbana, mas a minha avó falava que a gente tinha que diminuir o custo. "Tá caro. Para poder botar um pouco de carne seca nessa panela, vai ter que ter colher o aipim."

Mas a escola era diferente, mas eu também sentia que era a minha casa. Foi na escola que eu descobri que aquele homem não era o meu pai. É, foi na escola. A carteirinha, eu sempre limpava com *liquid paper*. E aí eu lembro um dia que a secretária pegou, olhou nos meus olhos, e ela queria me dizer algo e eu: "O que ela está querendo dizer?" Até que ela me chama e fala: "Olha, se a sua mãe não conversou com você, eu preciso que ela venha aqui para a gente conversar, porque eu estou aqui como uma tia." É, realmente era a minha casa. E foi uma conversa tão dolorosa, porque ela queria me proteger. E a escola precisava que eu entendesse que a minha carteirinha era aquele homem que estava ali, e não poderia ter outro nome.

Na escola também foi onde eu fiquei menstruada e aquele sufoco. E vai para casa e está todo mundo te esperando, porque eu não tinha celular. Então, a comunicação tinha que se resolver naquele espaço, aquele espaço sempre de cuidado. Aquele espaço que, muitas das vezes, eu, quando vou ficando jovem, quero negar. É. Ah, eu quero a minha independência, eu quero morar sozinha, mas eu não consegui, porque viver coletivamente e viver num espaço onde a gente conseguia gritar e saber que a sua vida era muito importante, onde, na hora do medo, a gente sabia que alguém ia chegar. E na comunidade é assim. As casas são pertinhas, e, na Terra Prometida, que ainda é muito verde, que ainda tem distância, além da comunicação ser verbal, era também uma comunicação de olhares de sintonia. Uma sintonia que eu achei que nunca mais eu ia encontrar depois de criança.

E essa sintonia se dava também nos mutirões. "Fulano chegou, não tem como morar, e a gente vai ter que levantar agora um barraco." "Tá chovendo muito, a Anne tá com dois filhos, e a gente precisa levantar a laje." Sempre com cuidado de que alguém precisava ter sua casa. Sempre no cuidado de que alguém precisava comer. E muita gente falava: "Mas você trabalha numa área de proteção ambiental e recuperação urbana, você acredita no plantio e você estimula as casas, a moradia?" E era tudo muito confuso, né? É até hoje muito cobrado, porque a gente tem os

Leoildes na colheita

nichos. Eu cuido do meio ambiente, então eu tenho que plantar. E não dá pra morar e plantar? Como que eu preservo uma área verde dentro do meu quintal, no meu espaço? São pequenas florestas dentro de uma única floresta. É possível. Quando você começa a cavar a sapata, já tem uma árvore que você preservou lá atrás, que você já plantou, porque vai fazer Sol e você vai precisar de sombra. E Leoildes dizia: "E os passarinhos também, porque eles vêm para comer, e a gente tem que dividir." É, eles também vêm buscar sua casa e seu alimento.

E esse morar e plantar na favela, ele é o que faz a gente continuar sonhando, plantando, cultivando e acreditando. E espalhando as nossas casas e os nossos valores em todos os cantos que a gente vai passando. É. Dá pra morar e também dá pra plantar. Plantar. Morar. Plantar. Plantar pelo clima, plantar por soberania, plantar por alimento, plantar por esperança, plantar pra dar uma banana nesse sistema que só me coloca veneno na mesa. Plantar pra que as crianças continuem acreditando, que é possível transformar, ter autonomia, autogestão, e esse espaço se dá na Casa de Apoio, no CEM, na casa da Leoildes, nos quintais, na nossa cozinha solidária, até na rua, porque o subúrbio adora ficar no portão.

Então, a nossa casa vai ampliando e os nossos espaços de cuidado e articulação vão crescendo junto com ela.

É, a gente recebeu a visita de dois alemães e eles escreveram um texto e eu pedi à companheira pra traduzir, porque não entendia nada. E, no texto, eu tinha um fragmento que falava assim: "Diante de tantos problemas que aquelas pessoas vivem, o seu Manel ainda disse pra mim: 'Tadinho, vai voltar pra Berlim e eu vou ficar aqui, no melhor lugar do mundo'." E o Mário, jornalista, não acreditava. "Como? Eu tô indo pra uma grande cidade e eles estão aqui com tanta escassez, mas ele consegue ver no meio das pedras o esperançar, o alimento, a rede, as formas de relação que eu não consegui enxergar estando naquele espaço."

E aí você tem que reaprender a olhar. Reaprender. Reaprender a olhar os espaços. Reaprender a olhar a vida. Porque o consumo está aí. Inicialmente, eram muitos banheiros coletivos. Fossa, sumidouro, banheiro seco. Tecnologias sociais ancestrais, que o nosso povo já estava construindo há muito tempo e que aí, de repente, vem alguém falar assim: "Isso aí é o ciclo da bananeira". Ô meu filho, eu sempre joguei o esgoto mesmo para a banana, porque eu sei que elas puxam tudo. Mas é.

Maria Luisa na Terra Prometida

E aí, se você não reaprende a olhar, você não consegue ver da onde vêm as nossas experiências, vivências e aprendizados. De como é cooptado esse conhecimento, de como é tirado de nós. E, mais uma vez, nos resta o olhar da pobreza, da ausência, da casa feia, que não tem piso, que não tem como se proteger do tiro. Mas, quando você reaprende a olhar, você entende que, sim, a gente quer viver com mais dignidade. Mas que, naquele espaço, existe uma organização.

E um fator fundamental para isso foi a Casa de Apoio, onde hoje se reúnem mais de cem moradores mensalmente. Já pediram para fazer lavanderia igual à do Borel, porque a água falta e fica pertinho. O gato de água que a gente fez na água é manobra de água. Então, todo mundo foi cavando. E aí é muito perto da Casa de Apoio, então ali não falta água. E aí você vê as crianças descendo com garrafa de dois litros para encher a água ali e subir. É. Também é um espaço onde a gente compartilha a água.

Também é um espaço que a gente compartilha a médica, que vem para atender. E fica todo mundo ouvindo a consulta. Até que a Rosineide falou: "Gente, mas não dá para ficar só um pouco afastado? Eu que-

Manuela, Eduardo e Liz

ria falar de algumas coisas particulares." Ela estava grávida e ninguém sabia. E aí, a gente começou a pensar que tem que ter um pouquinho de particularidade. Mas a sala de espera igual em hospital, clínica particular, não tem um monte de revista velha para ver não. Tem sabão para fazer, tem repelente, tem colheita, tem conversar, tem trocar, aquele café gostoso da Leoildes, o suco de acerola do quintal com limão galego, folha de hortelã, e só uma pitadinha de inhame, que todo mundo fica ali esperando. Será que a gente troca isso pelas revistas antigas, que nem falam da gente, que nem tem a nossa cor ali? Que nem tem casa que se pareça com a nossa. O que tem naquela revista? A gente precisa produzir revistas que a gente veja com a nossa cara. A gente precisa construir comunicação com que a gente se identifique. Porque fazer a gente sabe, a gente está aqui fazendo e quer aprender cada vez mais. Como diz a Rose: "O saber não ocupa espaço, então a gente tem que ir melhorando."

Mas também é tão bom quando a gente é ouvido e alguém diz assim: "Caramba, vocês conseguiram fazer isso?" Mas tem gente que fala: "Caramba, vocês vivem assim?" Pois é. O Estado chega na favela como? Ga-

lera da Maré uma vez me chamou a atenção: "Ana, o Estado não está ausente. Ele está presente. Ó a segurança pública. Segurança para nós? Não."

E aí, junto com Salvador, com o Movimento Sem Teto da Bahia, a gente vai falar de moradia digna. E até então a gente entendia a casa, aquele espaço que tem o nosso quintal, que a gente compartilha, que tem a Casa de Apoio e que a gente planta. Mas o que é digno? O que é moradia digna? Todo mundo ficou assim: "Ahn? Então, a gente não tem moradia digna?" E foi triste aquele encontro, eu lembro que a gente ficou todo mundo chateado porque a gente foi pensando quanto tempo que leva para a escola. A clínica, a gente trouxe para cá. E para descer o lixo? Como é que é toda essa dinâmica? Até que dona Maria do Carmo levanta e fala: "Nós somos moradia digna, sim, porque qual é a moradia que consegue ter um ovo todo dia? De galinha e de pato? Qual é a moradia que tem uma fonte de água aqui? Qual é a moradia que levanta o braço e consegue colher? Tem até quem tenha, mas não pode dizer que a gente não tenha moradia digna." A gente até precisa de mais, mas a gente entende que esse é o nosso espaço. E que a gente faz dele o melhor, o melhor para o bem viver.

Eu queria só, dentro dessa fala, que vem da memória de infância, de casa, de avó, de bisavô, de machismo também, né? Lembro quando a gente estava em casa, que todo mundo tinha que levantar, porque o sofá era do avô. E lembro também de como foi difícil para muitas mulheres ter que sair de casa. E isso ressignificou muito o meu trabalho, de pensar algo que envolvesse as mulheres, que retomasse alguns valores dentro daquele território, e que ela pudesse criar os seus filhos. E muita gente me criticou. Muitas feministas, e aí também entender que são diversos feminismos. Eu luto pelo feminismo negro. Vai botar as mulheres na cozinha? Emancipação.

E aí eu escrevi um texto que comecei a ler o fragmento, que diz da maternidade. E eu falei… Eu não vou ficar explicando. Eu vou ler poeticamente para vocês entenderem da onde eu venho e por que a gente sonha nisso aqui. Minha mãe, quando ficou viúva, ela deixou de ter um monte de amigo, virou ameaça. A gente não ia mais para a casa da Tia Fatinha, e isso foi muito doloroso. E eu via todo o esforço da minha mãe. E aí eu escrevi:

A maternidade, já parou para pensar?
Para a mulher preta, pobre, favelada,
para a mãe solo.
Precisamos dar conta e estar sempre pronta,
cuidar dos nossos filhos,
cuidar do nosso lar,
sem amparo e sem estrutura.
E quem cuida de mim?
Cuido da madame,
cuido dos seus filhos.
Lavo, passo, aspiro, refaço.
Sobe, desce, limpa, passa.
Seca, seca.
E vivo sonhando voltar a plantar.
Cozinho os melhores pratos,
mas sempre fico de lado.
Mas as sobras que me restam,
que, por um triz, nesse trem cheio não azeda,
arrumo bonito no prato,
como se fosse o primeiro pedaço
para deixar meu rebento feliz.

E essa memória poética, vinha com dor e, quando comecei a escrever e repensar esse lugar… Que lugar é esse que eu queria estar e fazer transmutar? Muitas chegaram, muitas acreditam. E a gente está virando uma rebelião. Porque eu fui chamada a atenção: "Não é possível. Vocês começa a se reunir a fulana separa. Já são quatro mulheres separadas." Porque ela não aceita mais a violência. E ela sabe que esse lugar que a mãe dela passou para ela ter um lar, para ela ter um espaço e para ela viver.

E aí a gente pode começar a escolher porque cadê a rede de apoio das mulheres? Cadê os espaços de cuidados para as mulheres? Ah, é só ela discar e fazer a denúncia. Como é que é essa denúncia? Então, mais uma vez de forma poética, eu vou continuando escrevendo.

E eu lembro da escola, aquele lugar que também era minha casa, onde eu descobri inclusive o racismo, que a professora falava:

"Ah, essa é a história de todo mundo, Ana Paula. Escreve sobre outra coisa."

Até que eu conheci Carolina Maria de Jesus.

E eu falei: é isso.

Eu preciso registrar essa história de todo mundo.

Mas que é a única, tá?

Porque Ana Paula da Cruz Santos só existe eu.

E essa história é minha,

que eu compartilho com você.

Com vocês.

Ana Santos na Terra Prometida

Ana Paula da Cruz Santos

Mulher preta, feminista, militante e insistente, Ana Santos é mestra em cozinha agroecológica e cofundadora do Centro de Integração da Serra da Misericórdia (CEM), no Complexo da Penha, Zona Norte do Rio. Sua atuação é voltada ao fortalecimento da soberania alimentar feminista, antirracista e emancipatória, construindo caminhos de bem viver na favela. Neta e filha de agricultores, nasceu no Morro do Puri, em Nilópolis, na Baixada Fluminense, onde cresceu entre alimentos e ervas medicinais cultivados pela família. Compreende a agricultura não apenas como subsistência, mas como projeto de trabalho, cura, criação de rede e realização de sonhos.

Fotos

A capa do caderno é composta por um retrato de Ana Paula da Cruz Santos, feito por Maurício Machado em fevereiro de 2025.

Todas as imagens no miolo deste caderno foram feitas por Paula Huven na Terra Prometida, na Serra da Misericórdia no Rio de Janeiro, em 2023. Agradecemos a Paula por compartilhar essas imagens conosco.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Mais informações em selvagemciclo.org.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.org.br/apoie

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2025